

## Normas reguladoras do comportamento linguístico

Paulo César Ribeiro NUNES<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais. Graduado em Letras pela Faculdade ASA de Brumadinho. Professor da Academia da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. E-mail: [pceletras@yahoo.com.br](mailto:pceletras@yahoo.com.br).

**Recebido em: 28/05/2013 - Aprovado em: 15/07/2013 - Disponibilizado em: 15/08/2013**

### RESUMO:

As normas reguladoras do comportamento linguístico encontram-se presentes no processo de comunicação diária dos diversos grupos sociais. Para Coseriu (1979), na norma, a referência é ao *como se diz* e não ao *como se deve dizer*, traço que caracteriza a norma como prescritiva. Na teoria sociolinguística, introduzida por Labov (1972), a norma é vista como as realizações sociais e culturais avaliadas positivamente por uma determinada comunidade. Preti (1975) postula que a norma representa o acesso ao processo de padronização e nivelamento da língua utilizada por um grupo social. Na implementação de uma norma reguladora do comportamento linguístico de um grupo de falantes, questões sociais interferem diretamente na valorização da norma, que pode ser concebida como padrão ou não padrão. Mollica (2003) admite a existência de o padrão popular e o culto e que a escolarização tem sido testada amplamente para se verificar o seu grau de influência sobre os falantes quanto à apropriação da norma de prestígio. A concepção do que é visto como certo ou errado em termos de língua relaciona-se à questão da formalidade que envolve o estilo do léxico em uso.

**Palavras-chave:** Norma. Comportamento. Padrão. Variação. Grupo social.

Regulatory norms of linguistic behavior

### ABSTRACT:

The regulatory norms of linguistic behavior present themselves in the daily communication process of the various social groups. According to Coseriu (1979), the norm is related to *how something is said* instead of *how something should be said*, a feature which characterizes the norm as prescriptive. In the sociolinguistic theory, introduced by Labov (1972), the norm is regarded as the social and cultural realizations which are positively assessed by a certain community. Preti (1975) postulates that the norm represents the access to the standardization and leveling processes of the language used by a social group. In the process to implement a regulatory norm associated to the linguistic behavior of a group of speakers, social questions influence the valuation of the norm, which can be conceived as standard or non-standard. Mollica (2003) acknowledges the existence of the informal pattern and the formal pattern; also, schooling has been extensively tested to ascertain their degree of influence over the appropriation of the prestige norm. The conception of what is considered right or wrong in terms of language is associated to issues of formality, which implicates the style of lexical in usage.

**KEYWORDS:** Norm. Behavior. Pattern. Variation. Social group.

## INTRODUÇÃO

No presente artigo, temos a pretensão de apresentar abordagens teóricas de diferentes autores sobre o tema *norma e comportamento linguístico*. Dentre os assuntos em discussão, destacam-se as questões sociais que emergem da implementação de normas reguladoras de comportamentos, o uso de variante *padrão e não padrão* e a concepção de *certo e errado*, em relação ao uso prático da língua portuguesa.

A existência de normas reguladoras em grupos sociais é um fato incontestável, mas o que nos importa saber é que essas normas tendem a manter um padrão de referência que influencia no comportamento linguístico dos membros das comunidades e das comunidades na sociedade como um todo.

## DESENVOLVIMENTO

A norma é objeto de estudo de várias correntes teóricas, embora essa não tenha sido muito destacada na corrente estruturalista, foi Eugênio Coseriu (1979), no âmbito dessa corrente, quem explicou com mais clareza o conceito de norma, vinculando-o ao de “*langue*” e de “*parole*” da teoria saussureana. Ao inserir o conceito de norma no modelo de Saussure, que contemplava a dicotomia *língua/fala*, Coseriu amplia o modelo existente para tricotomia *sistema, norma e fala*.

De acordo com Coseriu (1979, p. 73), na norma, a referência é ao *como se diz* e não ao *como se deve dizer*, esse traço caracteriza a norma prescritiva. Na visão desse autor, o sistema é compreendido como um conjunto de oposições funcionais, enquanto a norma é a realização coletiva do sistema, incluindo o próprio sistema com seus elementos não pertinentes, mas normais na fala de uma comunidade. Sendo assim, podemos inferir que a norma é, portanto, o costume, a tradição continuada, presente nos hábitos linguísticos de uma comunidade. Dessa forma, a norma é, segundo Coseriu (1979, p. 50), “um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente”.

Na teoria sociolinguística de orientação laboviana, a norma é vista como

as realizações sociais e culturais avaliadas positivamente por uma determinada comunidade. O que a sociolinguística tem explicitado em suas pesquisas é que os aspectos funcional e social da linguagem se interpenetram de maneira que não se pode conceber um sem o outro.

Labov (1972, p. 86) assinala que, na pesquisa realizada por ele em Nova Iorque, na investigação em torno da pronúncia do *r*, ficou comprovado que o processo de socialização linguística em favor do uso da norma de prestígio foi mais lento para os membros da classe média baixa, que não vão à faculdade, do que para os falantes da classe média alta, que começam se ajustar à nova norma nos últimos anos da escola secundária. Isso revela que a norma de prestígio mantém um padrão de referência que tende a influenciar no comportamento linguístico dos falantes daquela comunidade.

Preti (1975, p. 30), sobre as questões inerentes à norma, postula que ela representa o acesso ao processo de padronização e nivelamento da língua utilizada por um grupo social, cabendo à própria comunidade preservar a norma por ela mesma estabelecida. Essa posição em relação à preservação da norma, por parte da comunidade, fica evidente na preocupação dos falantes em manter a variante tida como padrão, quando procuram saber o que é certo ou errado em questões inerentes à língua.

Mollica (2003, p. 27) afirma que as variáveis linguísticas e não linguísticas não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes e cita como exemplos: escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta. De acordo com essa autora, as variáveis citadas como exemplos concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas, admitindo, dessa forma, que existam pelo menos o padrão popular e o culto.

Ainda em relação à norma, Mollica (2003, p. 28) postula que a escolarização tem sido testada amplamente para se verificar o seu grau de influência sobre os

falantes quanto à apropriação da norma de prestígio. A autora destaca a existência de três tendências para efeito da escolarização sobre as formas padrão provenientes de estilos e gêneros mais formais. Essas tendências referem-se ao uso de variante padrão estigmatizada pela escola que chegam a ser corrigidas, uso de variante padrão e não padrão simultaneamente e substituição da variante não padrão pela variante padrão. Silva e Scherre (1996) demonstraram as três tendências em painel de forma ampliada:

a) Podem ocorrer casos em que os falantes entram na escola oscilando entre um grande e um pequeno uso da variante padrão; a escola “poda” a criança que não se amolda ao sistema de ensino. (...) Nesses casos, trata-se de variantes estigmatizadas pela escola, que chegam a ser sistematicamente corrigidas.

b) Em outros casos, em que a maioria dos falantes entra na escola sem usar a variante padrão, esta é adquirida durante sua escolarização sem que desapareça, porém, a variante não padrão. Enquanto no primeiro ano escolar só há indivíduos que tendem a usar ambas as variantes. (...) Algumas variantes não padrão não chegam a ser estigmatizadas pela escola, não sendo objeto de correção.

c) Finalmente, uma terceira modalidade ocorre quando os falantes entram na escola apenas com a variante que se considera não padrão, mas, paulatinamente, substituem essa variante pela considerada padrão (SILVA; SCHERRE, 1996, p. 346-349).

Conforme Bourdieu (1977, *apud* MOLLICA, 2003, p. 29), as manifestações linguísticas recebem um valor do que ele denominou “mercado linguístico”, aliado à renda, sexo, faixa etária e nível escolar do falante.

Conforme Naro e Scherre (1996 *apud* MOLLICA, 2003, p. 29), o efeito da mídia sobre as variantes de prestígio tem despertado o interesse e tem sido objeto de estudo para verificar até que ponto há influência dos meios de comunicação nos comportamentos linguísticos.

Mollica (2003, p. 29) avalia que, embora haja evidências da correlação constante e regular entre estruturas linguísticas *standard* (padrão), há também o indicativo de que o uso de construções *não padrão* com certa frequência por pessoas de classe e renda alta, como é o caso do uso de *dele* em substituição a *seu*, com o objetivo de evitar ambiguidades, tem se consolidado como *standard* entre as pessoas pertencentes a essa classe.

#### CONCLUSÃO

Demonstrou-se neste artigo que, em toda comunidade linguística, podemos perceber sempre a existência de um tipo de norma que é mais valorizado do que os outros e se transforma em norma padrão. Do mesmo modo que um grupo social influente, de prestígio pode determinar uma transformação de normas nas diferentes esferas sociais, ele pode, também, atuar sobre o estado de língua.

As normas padrão e não padrão norteiam os processos de comunicação utilizados pelos diversos grupos sociais.

Na concepção do que é *certo* ou *errado*, devemos atentar para o estilo altamente formal presente em léxicos especializados, que envolve aspectos relacionados à estrutura social e familiar que vão além do uso da variedade culta, pois, leva-se em conta também a posição hierárquica dos usuários desse léxico.

\_\_\_\_\_ *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1984.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSERIU, E. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

\_\_\_\_\_. *Sincronia, diacronia e história*. O problema da mudança lingüística. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979.

\_\_\_\_\_. Sistema, norma e fala. In: *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979, p.13-85.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: Sociolinguistic Patterns.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NUNES, Paulo César Ribeiro. *Estudo do léxico policial militar*. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PRETI, D. *Sociolinguística. Os níveis de fala*. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.